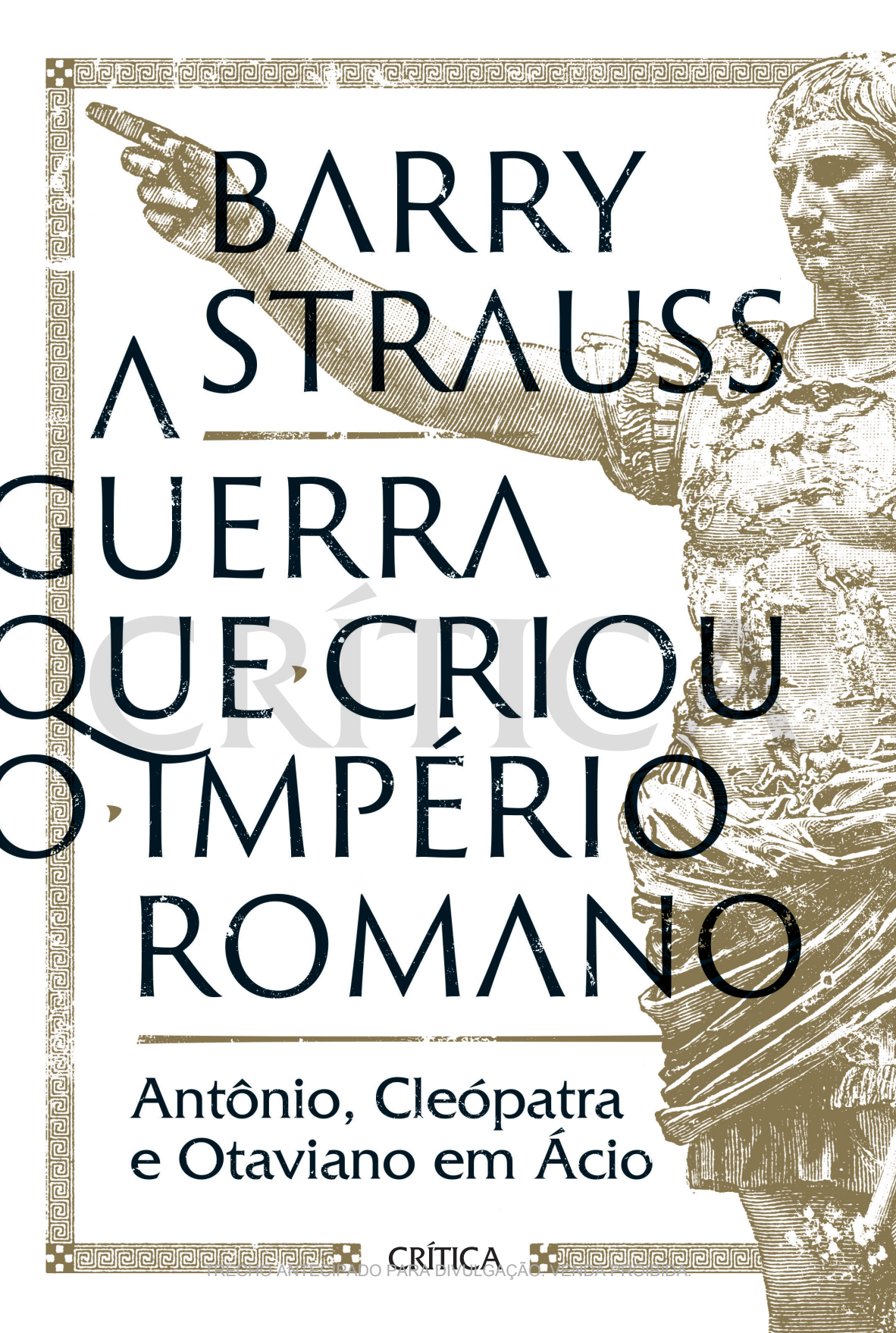




BARRY A STRAUSS GUERRA QUE CRIOU O IMPÉRIO ROMANO

Antônio, Cleópatra
e Otaviano em Ácio

CRÍTICA

PREÇO ANTES DO DESCONTO PARA DIVULGAÇÃO: R\$ 14,90

BARRY
STRAUSS

Λ
GUERRA
QUE · CRIOU
O · IMPÉRIO
ROMANO

Antônio, Cleópatra
e Otaviano em Ácio

Tradução
Gil Reyes

Revisão técnica
Pedro Peixoto

CRÍTICA

Copyright © Barry S. Strauss, 2022
Copyright da tradução © Gil Reyes, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: *The War that made the Roman Empire*

Ilustrações internas: Paul Dippolito
Preparação: Leandro Penna Ranieri
Revisão: Fernanda Guerriero Antunes e Carmen T. S. Costa
Diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Elmo Rosa
Imagem de capa: Men: a pictorial archive from nineteenth-century sources –
412 Copyright-free Illustrations for Artists and Designers

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Strauss, Barry
A guerra que criou o Império Romano / Barry Strauss ; tradução de Gil Reys. –
São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
368 p. : il.

Bibliografia
ISBN 978-85-422-2993-6
Título original: The war that made the Roman Empire

1. Roma – História 2. História antiga I. Título II. Reys, Gil
24-5330

CDD 937

Índice para catálogo sistemático:
1. Roma – História

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

A ESTRADA PARA FILIPOS

Roma-Filipos, 44 a 42 a.C.

A Batalha de Ácio em 31 a.C. tem origem em eventos que remontam a décadas. Em particular, decorreu de uma guerra iniciada em 49 a.C., quando Júlio César cruzou o rio Rubicão e entrou na Itália. Ao reunir seus legionários e atravessar a vau aquele pequeno rio, que marcava o limite entre a zona militar da Gália e a área civil da Itália, César deu início a uma guerra civil que durou quatro anos. Derrotou todos os seus inimigos e, no final, foi proclamado primeiro ditador perpétuo de Roma. Isso criou tanta hostilidade na velha elite que um grupo de senadores apunhalou-o até a morte numa reunião do Senado, em Roma, em 15 de março de 44 a.C. Os Idos de Março, de triste fama.

Os assassinos pensavam estar restaurando a República. Em vez disso, provocaram o surgimento de uma coalizão que acabou unindo os irascíveis seguidores de César. Demorou mais de um ano para esses seguidores se reunirem, e exigiu um período de conflitos armados que deixou um legado de desconfiança. Porém, em abril de 44 a.C., seus caminhos se cruzaram brevemente. Era o mês seguinte ao do assassinato de César, numa estação de chuvas fortes e muitas flores, mas ofuscada pela morte.

O mês de abril de 44 a.C. reuniu todos os principais atores da década e meia seguinte em Roma e em torno da cidade. Eles foram protagonistas da história não apenas de Roma, mas também do Mediterrâneo. Marco Antônio era um dos dois cônsules, autoridades públicas do mais elevado escalão em Roma; o outro cônsul era um homem com muito menos autoridade. Cleópatra era rainha do Egito, governante do reino

independente mais rico que restara na esfera romana. Otaviano acabara de ser nomeado filho de César por uma adoção póstuma, tendo herdado a maior parte da imensa fortuna do ditador. Sua irmã mais velha, Otávia, era casada na época com um importante político e ex-cônsul romano, mas isso iria mudar num futuro não muito distante. Finalmente, havia Agripa, amigo de juventude e companheiro fiel de Otaviano, que mais tarde se tornaria seu almirante indispensável. Esses homens e mulheres estavam prontos a se espalhar pelo mundo romano, mas iriam se reencontrar, a maioria deles na Batalha de Ácio, treze anos mais tarde.

Cleópatra saiu de Roma primeiro. Uma combinação de negócios e prazer trouxera a jovem rainha à cidade, no ano anterior. Tinha vinte e cinco anos. Não era incomum que governantes estrangeiros visitassem Roma para tratar de assuntos diplomáticos, mas Cleópatra era também amante de César. Após o romance dos dois no Egito, teve um filho em 47 a.C. De nome Ptolomeu e chamado de César, é mais conhecido por seu apelido, Cesarião. Cleópatra dizia que César era o pai. O próprio ditador nem reconhecia, nem negava. Talvez ela tenha trazido o menino com ela a Roma. Seja como for, parece que Cleópatra acabara de engravidar de outro bebê de César, mas abortara.¹

Cleópatra não partiu de Roma logo após os Idos de Março. Não era apenas uma amante enlutada, mas também uma rainha e, pelo bem do Egito, precisava garantir amizade com os novos governantes de Roma — quem quer que viessem a ser. Ela conhecera muitas pessoas proeminentes em sua estada em Roma, incluindo Marco Antônio.

Um dos melhores generais de César, Antônio era descendente de uma família importante e nobre, mas decadente. Aos trinta e nove anos, era o mais velho desse grupo. Guerreiro nato, era também orador talentoso. Não era revolucionário e tinha mais respeito pelas instituições tradicionais da República do que os outros, mas dificilmente poderia ser visto como um conservador por princípios.

Aos dezoito anos, Otaviano era um prodígio. Pelo lado do pai, vinha das classes médias altas italianas, mas sua avó materna pertencia a uma das grandes casas nobres de Roma, os Césares. Júlio César era seu tio-avô e tomara o menino sob seus cuidados depois que Otaviano perdeu o pai aos quatro anos. No outono de 45 a.C., seis meses antes de sua morte, César mudou seu testamento em favor de Otaviano. Mandou, então, o

rapaz de dezoito anos cruzar o Adriático para participar da organização de uma nova campanha militar no Leste, planejada para 44 a.C. Com a notícia do assassinato de César, Otaviano voltou à Itália e, movendo-se com cautela, acabou entrando em Roma, acompanhado por uma comitiva que incluía Agripa. Agora com o destemor de sua juventude, Otaviano almejava grande poder. Antônio ressentia-se da reivindicação do jovem de saltar para o topo graças ao testamento de César, e tinha toda a intenção de frustrar Otaviano.

Já naquela primavera romana de 44 a.C., esse grupo de cinco pessoas, homens e mulheres, deve ter suspeitado que suas ambições iriam aproximá-los e afastá-los. Mas nunca poderiam imaginar quanto drama tinham pela frente.

A ascensão de Antônio

Em abril de 44 a.C., os assassinos de César saíram de Roma e da Itália para as várias províncias. Alguns comandavam exércitos, outros governavam províncias, alguns coletavam dinheiro, outros recrutavam aliados — mas todos se prepararam para a luta que se avizinhava contra os apoiadores do falecido ditador. Em Roma, a política girava em torno de Antônio e Otaviano.

Não é fácil saber qual era o lado de Antônio na história. A maioria das obras produzidas após Ácio defende o vencedor, Otaviano, não o derrotado Antônio. Com exceção das moedas cunhadas em seu nome — indicadoras de sua estratégia de comunicação — e de umas poucas citações de suas cartas, as obras do próprio Antônio se perderam. O que sobreviveu foi a *Vida de Antônio*, de Plutarco, única fonte literária mais importante. Mestre da escrita, Plutarco (Lúcio Méstrio Plutarco, que morreu em algum momento depois do ano 120 d.C.) está no seu auge em *Antônio*, a mais memorável de suas cinquenta biografias conhecidas coletivamente como *Vidas paralelas* ou *Vidas de Plutarco*. Shakespeare usou a *Vida* como base de sua peça *Antônio e Cleópatra*, de 1607. Mas Plutarco precisa ser lido com cautela. Para começar, escreveu mais de um século após a morte de Antônio. Embora tenha consultado fontes anteriores de ambos os lados, Plutarco tende a adotar o

ponto de vista oficial, o de Augusto. Além disso, Plutarco tem a própria agenda literária e filosófica para levar adiante, e tampouco está isento de mergulhar de vez em quando na invenção criativa. No nono volume de *Vidas*, Plutarco equiparava Antônio a Demétrio, o Sitiador de Cidades (337 a 283 a.C.), famoso como grande, mas fracassado, rei e general macedônio.

Mais problemáticas ainda são as *Filípicas*, que consistem em catorze discursos contra Antônio escritos em 43 a.C. por Marco Túlio Cícero — uma fonte muito hostil. Várias histórias escritas no período imperial preservaram informações a respeito de Antônio, e as mais importantes são obras de dois cidadãos romanos do Leste grego: Apiano de Alexandria, que morreu por volta de 165 d.C., e Dião Cássio da Bitínia (atual noroeste da Turquia), morto por volta de 235 d.C.

Ler nas entrelinhas ajuda a reconstruir a versão de Antônio da história, mas isso nunca fornecerá tantos detalhes quanto os de que dispomos a respeito de seu vitorioso rival, Otaviano — que logo se tornaria Augusto, primeiro imperador de Roma. Mesmo dois mil anos mais tarde, ainda estudamos Augusto para obter lições sobre tudo, desde regras do poder até dicas para a vida cotidiana. Ninguém procura lições em Antônio, exceto as negativas.

Antônio nasceu em 14 de janeiro, por volta de 83 a.C., numa família nobre romana. Os Antonii eram bem-sucedidos, mas rodeados de escândalos, e Antônio seguiu o estilo. Seu avô paterno, também Marco Antônio, prestigioso orador e advogado, ocupou os altos cargos de cônsul e censor. No entanto, foi assassinado em 87 a.C., durante as guerras civis encabeçadas por dois generais romanos: Caio Mário e Sula (Lúcio Cornélio Sula Félix). Conta-se que seu esconderijo foi traído por sua fraqueza pelo vinho. A cabeça cortada do velho homem foi pregada à plataforma do orador no Fórum junto com as de outras vítimas proeminentes, incluindo o avô materno e um tio de Antônio.

O jovem Antônio cresceu à sombra dessas mortes e do fracasso do pai quando este recebeu o comando de uma campanha contra piratas sediados em Creta. Também de nome Marco Antônio, o pai teve desempenho tão fraco que as pessoas lhe puseram o malicioso apelido de Crético, retratando-o ironicamente como “Conquistador de Creta”. Morreu pouco tempo depois.

A mãe de Antônio, Júlia, casou-se de novo com um patrício que foi expulso do Senado por imoralidade um ano após servir como cônsul. Em 63 a.C., este homem se juntou àquilo que ficou conhecido como a Conspiração Catilina, um violento movimento em favor de devedores e renegados políticos. Traído e preso, foi executado sem julgamento por ordem de Cícero, que era cônsul. A partir de então, Antônio passou a odiar Cícero.

O jovem Antônio era bonito, vigoroso, atlético, encantador e carismático. Em vários períodos da vida, usou barba, numa imitação de Hércules, o semideus que a família considerava seu ancestral. No entanto, Antônio não foi um jovem modelo. Ficou conhecido em Roma por beber, seduzir mulheres, acumular dívidas e andar com más companhias, até se assentar um pouco por volta dos vinte e tantos anos. Estudou retórica na Grécia e destacou-se como excelente comandante de cavalaria no Leste entre 58 e 55 a.C. Em seu primeiro confronto armado, foi o homem mais avançado diante do muro durante um cerco, demonstrando grande coragem física. Em seguida, participou de outros embates militares. Como oficial, tornou-se próximo de seus soldados ao compartilhar refeições com eles.

Antônio serviu muito bem a César na Gália. Entre outras coisas, era questor de César — ao mesmo tempo pagador e intendente — e trabalhava de perto com seu comandante, a quem, então, devia uma obrigação de lealdade por toda a vida (em latim, *fides**). De volta a Roma em 50 a.C., Antônio assumiu cargo oficial como um dos dez tribunos do povo, eleitos todo ano para representar os interesses de cidadãos

* Parte constituinte do caráter e uma virtude moral importante, a *fides* servia como pilar para a condução adequada de assuntos pessoais e públicos para os antigos romanos, sendo caracterizada por uma atitude simultânea de confiabilidade, reciprocidade, proteção e lealdade. A quebra de *fides* poderia acarretar sérias implicações religiosas e jurídicas. Expressões como *ex bona fide*, “de boa-fé”, *fidem dare*, *obligare*, “empenhar sua palavra” ou *in fide aliquis esse*, “estar sob a proteção de alguém”, indicam a polissemia do conceito. O termo foi, posteriormente, modificado de seu sentido original e adotado pelos cristãos para expressar, em latim, a fé religiosa, entendida como uma virtude cristã, motivo pelo qual a expressão costuma ser erroneamente traduzida como “fé”, para a Antiguidade romana pré-cristã. Havia também, entre os antigos romanos, uma personificação divina dessa virtude na forma da deusa Fides, a deusa da boa-fé e confiança, cuja introdução do culto, na tradição clássica, fora atribuída a Numa Pompílio, ainda à época da Monarquia (Tito Lívio, I, 21.4). [N.R.]

comuns. Antônio tentou impedir que o Senado substituisse César como governador da Gália e ordenasse sua prisão, mas não obteve sucesso e fugiu de Roma para o acampamento de César.

Em seguida, Antônio destacou-se como ótimo general e agente político durante a guerra civil (49 a 45 a.C.), que se seguiu à travessia do Rubicão por César. Recebeu importantes atribuições, como organizar a defesa da Itália, trazer legiões de César atravessando um mar Adriático infestado de inimigos e unir-se a César na Macedônia romana. Antônio prestou seu maior serviço na Batalha de Farsalos, na Grécia central, em 9 de agosto de 48 a.C., onde comandou o flanco esquerdo de César nessa decisiva batalha contra seu rival, Cneu Pompeu Magno (106 a 48 a.C.), conhecido como Pompeu, o Grande. Quando os veteranos de César romperam as fileiras de Pompeu, foi a cavalaria de Antônio que perseguiu o inimigo em fuga.

Apesar de todo o seu sucesso em batalhas, Antônio nunca foi o homem no comando. Na política, demonstrava pouco tato. Após Farsalos, voltou a Roma por ordem de César, enquanto este passava o ano seguinte no Leste. Em Roma, Antônio foi mestre de cavalaria (*magister equitum*), como era chamado o segundo em comando, após um ditador. Antônio agora retomava totalmente seu estilo de vida devasso. As fontes falam de loucas noites, ressacas públicas, de ter vomitado no Fórum e de circular com carruagens puxadas por leões. Quase todos sabiam de seu romance com uma atriz e ex-escrava que se apresentava no palco como Citéride, a “Garota de Vênus”, desde o dia em que ela e Antônio passaram juntos em público numa liteira.

As ordens civil e militar em Roma fugiram ao controle de Antônio. Quando aqueles que reivindicavam o perdão das dívidas e a redução dos aluguéis ficaram violentos, ele enviou soldados ao Fórum e o sangue correu — oitocentas pessoas foram mortas. Enquanto isso, algumas legiões veteranas de César, agora de volta à Itália, amotinaram-se reivindicando pagamento e desmobilização. César voltou a Roma no outono. Sufocou o motim e concordou em reduzir os aluguéis, mas não permitiu que as dívidas fossem canceladas. Quanto a Antônio, César condenou-o no Senado, porém logo o perdoou.

Antônio assentava-se novamente, casando-se de novo após um divórcio, dessa vez escolhendo uma nobre que enviuvara duas vezes,

Fúlvia. De todas as mulheres romanas poderosas da época, Fúlvia ocupava uma classe à parte. Ela recrutara um exército. Uma propaganda hostil afirmava que ela fora vista uma vez portando espada e fazendo preleções aos soldados, mas, em geral, sua arma de combate eram as palavras. Defensora incondicional do povo, Fúlvia casou-se com três políticos em sequência: o primeiro foi o demagogo e arruaceiro Públio Clódio Pulcro; depois, Caio Escríbônio Curião, um tribuno do povo que apoiava César; e, por fim, e de maneira mais fatídica, Antônio. Os inimigos dele diziam que Fúlvia controlava Antônio, o que não é verdade. Essa mulher forte provavelmente o endireitou, e ela certamente transmitiu a Antônio a habilidade política que aprendera com seus dois primeiros maridos. Antônio beneficiou-se dessa parceria.

Antônio teve papel importante nos eventos do ano fatal de 44 a.C. No festival da Lupercália em Roma, em 15 de fevereiro, foi Antônio que ofereceu a César a coroa,² causando desse modo um choque numa multidão no Fórum romano. César recusou-a ostensivamente — duas vezes.

Numa reunião no Senado, nos Idos de Março, no dia 15, um grupo de assassinos liderado por Marco Bruto, Caio Cássio Longino e Décimo Bruto abateu César.³ Se Antônio estivesse sentado ao lado de seu colega na casa do Senado, poderia ter lutado contra os assassinos por tempo suficiente para permitir que senadores amigos presentes na sala socorressem César e salvassem sua vida. No entanto, Antônio estava fora do prédio, onde um dos conspiradores o detivera de propósito, deixando César sozinho na tribuna quando os assassinos o cercaram e atacaram.

Antônio fugiu após o assassinato, dizem que disfarçado, ao trocar sua toga por uma túnica de escravo — mas isso com certeza é calúnia. Na semana seguinte, ele desempenhou um papel-chave. Convenceu apoiadores de César, armados e enraivecidos, a não atacarem os assassinos, refugiados no Monte Capitolino. E convenceu o Senado a assumir o compromisso de dar anistia aos assassinos e a manter todas as medidas que César implantara como ditador. Foi bem-sucedido em fazer o Senado abolir esse odiado título. Em seguida, mudou de atitude e presidiu um funeral em homenagem a César, tão comovente que se transformou num tumulto, levando uma multidão a matar um suposto assassino do ditador (pegaram o homem errado) e intimidando os verdadeiros assassinos, que logo fugiram de Roma.

Antônio estava na flor da idade e pronto para vestir o manto de César como herdeiro. Mas, no seu testamento, César legara o próprio nome e a maior parte de sua fortuna a Otaviano. Sem dúvida, isso fez Antônio ferver de raiva. Otaviano era parente de César, mas Antônio também — embora apenas um primo distante. Várias vezes Antônio arriscara a vida por César no campo de batalha e selara as vitórias do grande homem; Otaviano ainda nunca derramara uma gota de sangue.

A ascensão de Otaviano

Ele nasceu em 23 de setembro de 63 a.C. Ou deveríamos perguntar: *Quem* nasceu, então? Até mesmo o nome de Otaviano é uma questão de relações públicas. Ele nasceu Caio Otávio. Depois de aceitar a oferta de adoção póstuma expressa no testamento de César, Otávio ficou conhecido como Caio Júlio César Otaviano. Ou melhor, *deveria* ter sido chamado assim, conforme o padrão onomástico romano. Contudo, rejeitou o nome Otaviano e insistia em ser chamado de César. A maioria dos historiadores o chama hoje de Otaviano, mas apenas até ele fazer trinta e cinco anos, em 27 a.C., pois, a partir de então, assumiu o título pelo qual é mais conhecido: Augusto. É complicado, mas também o era o homem por trás dos nomes.

Seu pai, igualmente Caio Otávio, era rico e ambicioso, mas não era um nobre romano, nem provinha da capital, e sim de uma pequena cidade ao sul. Ascendera ao se casar com a sobrinha de Júlio César, Ácia Balba, mas morreu de repente quando Otaviano tinha quatro anos. Embora Ácia voltasse a se casar em seguida, confiou Otaviano à mãe dela, Júlia, que criou o menino em seus anos de formação. O irmão de Júlia estava prestes a conquistar a Gália e se tornar o Primeiro Homem* em Roma.

* No original, a expressão utilizada foi “*first man*”, que pode comportar tanto o sentido de se tornar o número um, como dito, mas também ter um significado extra, embora pouco utilizado: utiliza-se *first man*, às vezes, para se referir a fundadores ou primeiras pessoas lendárias de uma tradição ou de um mito de fundação/criação etc., como Rômulo e Remo. [N.R.]

Enquanto Otaviano crescia, César revolucionava Roma, que passou a funcionar como uma república autogovernada. O povo e as elites compartilhavam o poder por meio de instituições como assembleias, tribunais, autoridades eleitas e o Senado. Em tese, pelo menos: na prática, a República não podia prevalecer contra um general conquistador como César e suas dezenas de milhares de leais soldados.

Ao que parece, Roma vivia capturada num labirinto de impossibilidades políticas, militares, sociais, econômicas, culturais e administrativas. Apenas alguém que pudesse domar Roma e seu império poderia trazer uma paz duradoura. César não era esse homem. Era um conquistador, não um construtor. Mas se César não podia fazê-lo, quem o faria?

César não tinha um filho legítimo, embora, como mencionado, provavelmente tivesse gerado Cesarião. Tecnicamente, Cleópatra poderia muito bem ter adquirido cidadania romana, como o pai dela havia feito, mas o que importava aos olhos do público é que ela era rainha do Egito. Em vez de Cesarião, César escolheu Otaviano como seu herdeiro.

Muito ambicioso, Otaviano era um político natural: inteligente, encantador e cuidadoso na escolha das palavras. Tinha olhos claros e era bonito, com cabelo loiro levemente ondulado. Baixo e um pouco frágil, não tinha um porte imponente, mas compensava isso com a força de seu caráter. Embora não fosse um soldado nato, era tenaz, astuto e valente, com uma vontade férrea. E tinha a mãe, Ácia, que com certeza o elogiava a César sempre que a oportunidade surgia.

Um rapaz destacado como Otaviano possuía muitos amigos, e um deles, Marco Agripa, se tornou seu braço direito para a vida toda. Assim como Otaviano, Agripa era de uma próspera família italiana, embora sem nenhuma conexão com a nobreza romana. O que ele tinha em abundância era um temperamento prático. Era corajoso, assertivo e, acima de tudo, leal. E Otaviano tinha com certeza o dom de fazer com que os homens o seguissem. No caso de Agripa, Otaviano procurou César e conseguiu que o irmão de Agripa fosse libertado da prisão, embora tivesse lutado contra César. Agripa era grato por isso.

O jovem Otaviano teve vários mentores no desenvolvimento de sua astúcia: a mãe, que conseguiu esconder-se com as virgens vestais quando o Senado quis tê-la como refém; a irmã, Otávia, que talvez

tenha tido algo a ver com a surpreendente conversão de seu primeiro marido Marco Antônio, de inimigo ferrenho da família dela a dócil amigo; seu padraсто, um ex-cônsul que sobreviveu a uma guerra civil sem tomar partido de nenhum dos lados; sua bisavó e sua avó, que juntas deram evidências detalhadas em tribunal do adultério de uma sogra, poupando com isso o homem da família, César, de precisar sujar as mãos em público a fim de obter um divórcio.⁴ E, por último, mas não menos importante, Júlio César, um dos mestres do engano da história. Uma hora aos pés de César valia mais do que um período de aulas de um professor. E Otaviano passou muitas horas ali.

Primeiramente, César favoreceu o jovem Otaviano com uma série de responsabilidades públicas. O rapaz de dezessete anos chegou a marchar nos desfiles triunfais de César em Roma, em 46 a.C., uma honraria que costumava ser reservada ao filho de um general vitorioso. No ano seguinte, Otaviano acompanhou seu tio-avô na campanha militar da Hispânia. César estava suficientemente impressionado com aquele jovem amadurecido a ponto de mudar seu testamento em favor de Otaviano. O documento ficou sob a guarda das virgens vestais em Roma e, ao que se sabe, mantido em segredo.

César planejava uma guerra de conquista de três anos no Leste. Pretendia conquistar a Dácia (atual Romênia) e vingar uma derrota romana anterior nas mãos dos partas, que dominavam a maior parte do sudoeste da Ásia e eram o único Estado forte o suficiente para desafiar Roma no Oriente Próximo. César nomeou Otaviano, aos dezoito anos, mestre de cavalaria, cargo que oferecia visibilidade e oportunidades de fazer muitos contatos. A expedição estava marcada para começar em 14 de março de 44 a.C. Por volta de dezembro de 45 a.C., Otaviano saiu de Roma por ordens de César e, junto com Agripa, cruzou o Adriático até o quartel-general de César, situado no que é hoje a Albânia. Ali, Otaviano fez contatos muito úteis com comandantes de legiões.

Contudo, os Idos de Março mudaram tudo. Após o assassinato de César, Otaviano voltou com cautela a Roma, escoltado por alguns dos partidários e soldados de César.

Após leve hesitação, e contra o conselho de sua mãe e de seu padraсто, Otaviano aceitou a adoção por César. A partir de então, ele insistiu em ser chamado de César. Sua mãe foi a chamá-lo assim.

Embora tivesse apenas dezoito anos, Otaviano sonhava alto. Após uma aprendizagem sob Júlio César, estava pronto a tomar o Fórum de assalto. Era como se graças a algum choque repentino todas as molas de uma catapulta romana imóvel tivessem sido postas em ação.

No entanto, os obstáculos não eram poucos. Antônio era cônsul e queria colocar Otaviano de lado a fim de reivindicar o manto de César. Por sua vez, republicanos conservadores não viam utilidade no filho adotivo de César, pois queriam livrar-se de vez do legado do ditador. Ao mesmo tempo, um bando de gente ambiciosa pretendia usar Otaviano para fazer avançar os próprios interesses.

César havia sido um homem extremamente rico. Otaviano também o seria se pusesse as mãos naqueles três quartos do espólio de César que estavam prometidos a ele no testamento. Mas nunca os viu. Antônio assumiu o controle da maior parte dos fundos e recusou liberá-los, alegando que era preciso investigar qual parte pertencia a César e qual pertencia ao povo romano. Por sua vez, Otaviano obtinha dinheiro de várias outras fontes: 1) o tesouro que César guardava em Apolônia (na atual Albânia) para subsidiar a Guerra Parta — ou pelo menos parte dos fundos, já que Otaviano alegava ter transferido algo ou tudo para o Estado romano; 2) empréstimos dos apoiadores de César, incluindo banqueiros e homens libertos ricos; 3) dinheiro emprestado de sua mãe e padrasto; 4) os proventos da venda ou de hipotecas de suas propriedades e de parte das propriedades de César que ele conseguira assumir; e 5) uma quarta parte do patrimônio de César que o ditador deixara para os primos de Otaviano. Nada mau, mas não competia com os fundos que Antônio obteria mais tarde no Leste.

Otaviano era um jovem político hábil em formação, em posse de perspectivas abundantes e atraentes. Enfrentaria possibilidades sinistras ou supremas, caso não conseguisse dominar a situação. Mas dominou. Otaviano era não apenas um romano, era um César. Antônio uma vez desconsiderou-o como um rapaz que devia tudo ao seu nome,⁵ mas Antônio não levava em conta um aspecto. No que dizia respeito a Otaviano, o que importava não era o nome, mas a herança que representava.

Otaviano era motivado por um senso de honra, o que tinha boa repercussão em meio ao público romano, que dava muita importância

à reputação de uma pessoa. No Fórum, em novembro de 44 a.C., oito meses após o assassinato de César, ele fez um discurso enquanto estendia a mão direita em direção a uma estátua de Júlio César e jurava esperar alcançar todos os cargos e honrarias de seu pai adotivo. Não era pouco para um jovem de dezenove anos aspirar alcançar o status do primeiro ditador vitalício de Roma.

Por volta da mesma época, o jovem Otaviano foi bem-sucedido em convencer duas legiões romanas veteranas a abandonar Antônio e aderir a ele. Agentes de Otaviano misturaram-se aos soldados e exploraram a raiva deles pela avareza e disciplina dura de Antônio. Era uma lição sobre como obter poderio militar usando poder político, e esse era um talento que Otaviano aprimoraria à perfeição nos anos seguintes. Era também uma demonstração da falta de interesse de Otaviano pelas tradições republicanas. Ele não tinha autoridade legal para reunir tropas. O seu exército era, na realidade, particular.

Contudo, isso não impediu que o último leão do Senado romano, Cícero, apoiasse Otaviano. O grande estadista e orador havia abominado a ditadura de César e apoiara seus assassinos. Cícero tinha poucas razões para confiar no herdeiro de César. Mas Otaviano apelou tanto ao ódio de Cícero por Antônio, seu inimigo pessoal e político, quanto à vaidade do velho homem. Com o endosso de Cícero, o Senado empoderou Otaviano e seu exército privado para se unirem aos dois cônsules numa guerra contra Antônio.

Em abril de 43 a.C. os dois lados travaram duas batalhas nos arredores da cidade de Mutina (atual Modena), no norte da Itália. Foi o primeiro teste de fogo para Otaviano, e Antônio alardeou que seu muito jovem adversário havia fracassado e se acovardara. Apesar de não ser um guerreiro nato, Otaviano era dotado de coragem. Na segunda batalha em 43 a.C., por exemplo, pegou o estandarte da águia da sua legião quando o porta-estandarte (*aquilifer*) foi ferido. Nas guerras, como em tudo mais, Otaviano demonstrava autocontrole, incluindo até moderação no beber, mesmo na companhia desordeira de soldados.⁶

Coincidentemente, os dois cônsules morreram logo após terem sido feridos nessas batalhas. Otaviano, agora, tornava-se comandante dos exércitos do Senado. Não surpreendia que suspeitas de ter envenenado os cônsules tivessem recaído sobre ele.⁷

Antônio retirou-se com seus soldados sobreviventes em boas condições e cruzou os Alpes até a Gália, onde granjeara amplo apoio entre os comandantes romanos. A essa altura, Otaviano decidiu mudar de lado, retirando seu apoio a Cícero e ao Senado tão rapidamente quanto o concedera um ano antes.

Otaviano concluiu que o Senado preparava-se para se voltar contra ele, agora que havia derrotado Antônio e o obrigara a ir para o norte e cruzar os Alpes. Afinal, o Senado havia preferido apoiar os assassinos de César. Por sua vez, Antônio fez uma aliança na Gália com Marco Lépido, outro antigo general de César. Isso deu-lhe o controle de cerca de vinte legiões — mais ou menos o que Otaviano tinha. Sabendo que Marco Bruto e Caio, dois dos assassinos de César, estavam montando um exército no Leste para combater os partidários de César, Antônio e Otaviano concluíram que era melhor os dois juntarem forças.

No outono de 43, concordaram em governar Roma juntos, ao lado de Lépido, e dividir o controle de legiões e províncias. O governo deles ficou conhecido como o Triunvirato. Foi aprovada uma lei em Roma para instituí-lo formalmente por cinco anos, em 27 de novembro de 43 a.C. Roma ainda tinha um Senado e vários outros instrumentos de governo, mas, na prática, o Triunvirato é que governava.

Bruto e Cássio tramavam reconquistar Roma e restaurar a velha República, governada pelo Senado e pela tradicional nobreza. Lutar contra eles custaria dinheiro, que o Triunvirato planejava recolher por meio de impostos, bem como pela extorsão. Eles publicaram listas de opositores políticos e inimigos pessoais — homens cujas propriedades deveriam ser confiscadas e cujas vidas seriam tomadas; todos tiveram a cabeça colocada a prêmio. Em sua maioria, eram apoiadores da República. Muitos fugiram, mas, no final, morreram mais de dois mil dos romanos mais ricos: trezentos senadores e dois mil equestres, ou Cavaleiros Romanos, a ordem logo abaixo dos senadores em riqueza e prestígio. Como as listas eram chamadas de notas públicas escritas, ou *proscriptiones* em latim, esses ataques ficaram conhecidos como as proscrições. Elas duraram cerca de um ano e meio. Cícero foi a baixa mais famosa. Antônio queria seu arqui-inimigo morto. Otaviano disse mais tarde que tentara salvar Cícero, mas, se foi o caso, não deve ter tentado com muito empenho.

Durante o Primeiro Triunvirato, os romanos que queriam sobreviver elevaram a prática de precaução a uma forma de arte. Era prudente fazer múltiplas contribuições a políticos rivais, ser amigo de todos e manter ambiguidade cautelosa quanto às próprias opiniões. Alguns se afastaram da vida pública; uns poucos tinham recursos e talento para se dedicarem a escrever. Às vezes, é claro, princípios ou ambição exigiam ousadia, e a pessoa tomava uma posição, mas não necessariamente por muito tempo.

Raramente na história houve tantos poderosos mudando de lado com muita frequência — e por tão boas razões. Havia três triúmviros, mas apenas Antônio e Otaviano importavam. Todo dia, a balança pendia para um dos dois lados; hoje era um que estava por cima; no dia seguinte, o outro. Marco Lépido nunca teve o poder ou a ambição dos dois. Um “homem fraco, sem méritos”, assim Shakespeare faz o personagem Antônio se referir a Lépido, e a história parece confirmar isso.⁸ Otaviano acabou exonerando-o e enviou-o a um “exílio interno” no sul de Roma, pelo resto de sua vida.

A Roma triunviral foi uma época de traidores e vira-casacas, desertores e agentes duplos. A maioria dos principais atores trocava de lealdade em algum momento, com frequência mais de uma vez. Era raro encontrar uma pessoa como Marco Agripa, que, ao longo de sua carreira, permaneceu fiel a um líder: Otaviano. Ou como Caio Asínio Polião, general, estadista e historiador, que recusou a oferta de Otaviano de trair Antônio e se aliar a ele.⁹ Poucos outros romanos estiveram à altura da obstinação de Polião, ou do seu sucesso como sobrevivente, como preferirem.

Filipos

O confronto com Bruto e Cássio ocorreu em 42 a.C., nos arredores da cidade de Filipos, no norte da Grécia, ao longo de uma grande estrada romana, a Via Egnácia. Antônio e Otaviano comandavam juntos. Filipos teve muitos dos elementos das grandes batalhas da época. Foi uma guerra civil romana. Leste e Oeste confrontaram-se. Foi uma batalha terrestre, mas também seria moldada pelo poderio naval. Um dos lados em Filipos era rico em dinheiro e suprimentos; o outro, rico em iniciativa.

Porém, o que tornou Filipos única foi uma causa. Todo exército nas guerras civis afirmava estar lutando em nome da República, mas, com Bruto no comando, o exército do Leste, em Filipos, talvez tenha falado sério. Bruto não era só um político, mas um orador e filósofo que levava seus princípios a sério.

À medida que o grande confronto se aproximava, Bruto escreveu com coragem e aceitação a Tito Pompônio Ático, um amigo próximo de Cícero e observador perspicaz da política. Ou eles libertariam o povo romano, escreveu Bruto, ou morreriam e seriam libertos da escravidão.¹⁰ Tudo estava seguro e protegido, ele acrescentou, exceto o desfecho.

Antes de Filipos, Bruto e Cássio pagavam seus soldados com uma moeda que celebrava o assassinato.¹¹ O anverso (cara) retrata Bruto ou talvez um ancestral; o reverso (coroa) mostra duas adagas, como as usadas para matar César, assim como o “boné da liberdade” usado por ex-escravos. A legenda diz “Idos de Março”. O simbolismo é claro: o assassinato de César libertou Roma. Rara e de alto valor, é talvez a moeda mais famosa do mundo antigo. A maioria das peças que sobreviveram é de prata. Uma das poucas versões em ouro foi vendida em 2020, por 4,2 milhões de dólares, batendo um recorde como a moeda antiga de maior valor já vendida.¹²

A causa de Bruto — e a de Cássio, e demais homens que haviam matado César — não era isenta de manchas. Autodenominavam-se Libertadores, mas eram oligarcas. Apesar de terem assassinado César em nome da liberdade, referiam-se à liberdade de umas quantas famílias da elite para manter as rédeas do poder sobre cinquenta milhões de pessoas. César podia ter sido um ditador, mas era também um defensor das causas populares, que escolhia gente comum italiana e elites das províncias conquistadas como seus conselheiros mais próximos. César pouco ligava para eleições ou precedentes constitucionais. Passou por cima das instituições da República Romana, mas tais instituições entronizavam uma classe dominante de visão estreita. O futuro demandava mudanças, e César sabia disso. Mas era incapaz de adentrá-lo sem arrogância, violência e ares ditatoriais. O resultado foi uma guerra civil. A decisão de matar César era egoísta e míope, mas não desprovida de idealismo. Em certo sentido, Bruto realmente era o mais nobre dos romanos, como proclama o Antônio de Shakespeare.¹³

As chances eram boas para Bruto e Cássio em Filipos. Eram fortes numericamente e desfrutavam de excelente posição em terreno elevado de ambos os lados da estrada romana. Montanhas protegiam seu flanco norte, e um pântano protegia seu flanco sul. Tinham em Cássio um comandante muito bom, com Bruto ao lado dele. Controlavam o mar e estacionariam sua frota perto dali, numa ilha de onde vinham suprimentos até um porto não muito distante de seu acampamento. Ao contrário, Otaviano e Antônio tiveram dificuldades para despachar seus soldados pelo Adriático. Uma pausa bem-vinda veio, cortesia de Cleópatra.

Ela retornara ao Egito em 44 a.C. Teve que enfrentar ali o poder crescente no Leste dos homens que haviam matado César. Apesar da pressão de Cássio e suas forças, a rainha egípcia conseguiu evitar de dar-lhe a ajuda financeira que queria. Desconfiava dele por ser um dos assassinos de César e por ser alguém que considerava apoiar as reivindicações de Arsínoe, a irmã exilada de Cleópatra ao trono do Egito. Enquanto Antônio e Otaviano marchavam para Filipos, Cleópatra juntou uma pequena frota e velejou para ir ajudá-lo. A frota sofreu danos numa tempestade, Cleópatra adoeceu — talvez mareada — e precisou voltar ao Egito. Todavia, a frota ajudou Otaviano e Antônio, pois afastara os navios republicanos da Itália, com isso dando aos dois homens a oportunidade de transportar alguns de seus soldados em segurança na travessia do Adriático. Cleópatra fez planos de reunir uma nova frota, mas foi sobrepujada pelos eventos.

Assim que Antônio e Otaviano chegaram a Filipos, sofreram com a escassez de comida. Tinham trinta e duas legiões, muitas delas veteranas, mas estavam sob forte pressão, ao passo que Bruto e Cássio, bem abastecidos, podiam aguardar enquanto o inimigo passava fome. Bruto e Cássio recebiam provisões de sua base naval próxima. Para anular essa vantagem, Antônio demonstrou audácia e desenvoltura. Começou a construir uma passarela pelo pântano, guardada por fortificações, a fim de flanquear o inimigo e ameaçar sua rota de suprimentos. De início, Antônio usou os caniços altos do pântano para ocultar seu projeto, mas uma hora o segredo foi descoberto, e Cássio começou a construir um muro para neutralizar o projeto de Antônio. Por volta de 3 de outubro, Antônio atacou o muro de Cássio e invadiu seu acampamento, iniciando uma grande batalha. Enquanto isso, em outra parte do campo,

Bruto foi vitorioso e tomou o acampamento de Otaviano. Este, ao que parece, estava ausente e, felizmente para ele, escapou. Mais tarde, acusado de covardia, Otaviano explicou que estava doente naquele momento e que uma visão o alertara do perigo, o que lhe permitiu sair antes que fosse tarde demais. A doença é algo plausível, pois Otaviano enfrentava recorrentes problemas de saúde.

Infelizmente, Cássio interpretou mal aquela cena confusa e pensou que Bruto havia sido derrotado; então, suicidou-se. A morte de Cássio transformou a batalha, que estava empatada, em um desastre estratégico, pois Bruto não tinha traquejo operacional suficiente. Bruto não confiava na lealdade dos homens de Cássio e sofreu pelo menos uma deserção entre seus aliados do Leste. O general que representava o reino da Galácia na Ásia Menor central (atual Turquia) bandeou para o lado de Antônio. O soberano desse general era Deiótaro, o idoso rei da Galácia, que já havia mudado de lado antes duas vezes, nas guerras civis romanas. Cabe supor se, com sua rudeza usual, Deiótaro teria ordenado que seu comandante tomasse o lado do provável vencedor em Filipos.

Bruto deixou-se levar por um engano letal. Poderia ter feito Antônio e Otaviano morrerem de fome enquanto revitalizava suas forças navais. Em vez disso, cerca de três semanas após a primeira batalha, em 23 de outubro, Bruto lançou um ataque imprudente e foi derrotado. Em seguida, suicidou-se também. Recuperado de sua doença, Otaviano emitiu o comando sangüinário de decapitar Bruto e enviar sua cabeça a Roma para ser colocada aos pés da estátua de Júlio César como vingança.

Antônio foi o arquiteto da vitória em Filipos — um sucesso total e decisivo. Quando ele e Otaviano dividiram o império, não foi nenhuma surpresa Antônio ter ficado com a parte mais rica. Abocanhou o Leste e montou sua base em Atenas, enquanto Otaviano governava o Oeste a partir de Roma. Porém, a Gália continuou nas mãos de Antônio. Lépido, o menos poderoso dos três triúmviros, ficou apenas com a África romana (*grossa modo*, a atual Tunísia).

Certamente parecia que Antônio tinha feito o melhor negócio. Com sua agricultura, artesanato, comércio e cidades, o Leste oferecia uma base de impostos incomparável. No entanto, boa parte do Leste fora conquistada por Roma apenas recentemente, o que deixava Antônio com vários desafios diplomáticos e administrativos — mas também com

a oportunidade de extrair “presentes” das autoridades locais em troca de seu apoio. Havia ainda a oportunidade de concluir o legado de César e conquistar glórias militares e poder político ao travar a guerra contra a Pártia. Além de tudo isso, como mencionado, Antônio ainda mantinha uma base a oeste, na Gália.

Assentado no Oeste, Otaviano tinha fundos limitados. Porém, sua posição na Itália permitia-lhe manter uma mão forte na política romana. Além disso, contava com um ativo de valor incomparável: a mão de obra italiana. Os generais romanos preferiam enormemente recrutar legionários na Itália. O controle da Itália deixava Otaviano em posição de barganhar. Podia oferecer legionários em troca de riquezas — ou das armas que a riqueza podia comprar, especialmente navios. Porém, primeiramente, Otaviano precisava controlar a situação na Itália, que fervilhava de veteranos com ânsia de obter terras.

O que havia pela frente testaria as habilidades do mais astuto veterano político. Otaviano precisaria estar à altura do desafio, tendo apenas vinte e dois anos.

CRÍTICA